# DORIAN GRAY: UM RETRATO DE UM HERÓI MODERNO

Nara Glenda Batista Torres

Elis Regina Fernandes Alves

**Resumo:** Foi feito nesse artigo um levantamento da trajetória literária do herói desde os heróis clássicos, épico e trágico, chegando ao herói moderno romanesco. A Análise está voltada para a obra *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, com enfoque no protagonista Dorian Gray, com o objetivo de apresentar a trajetória deste personagem como um herói moderno. Utilizam-se teorias em autores como Luckács (2000), Feijó (1984) e Kothe (1987). Conclui-se que o personagem Dorian Gray pode ser definido como herói moderno, pois, este apresenta características que o relaciona como tal, como por exemplo ser um herói problemático, sem caráter, falho em suas escolhas na vida e objetivos na vida.

**Palavras-Chaves:** Herói Moderno, O Retrato de Dorian Gray, Oscar Wilde.

## Introdução

O primeiro vestígio do surgimento do herói para o mundo se deu desde os tempos antigos quando houveram vários indivíduos que seja por seu poder, valentia, coragem ou busca por justiça passam a ser chamados de "heróis". E desde então os heróis passaram a possuir uma imagem idealizada como seres perfeitos que tinham por maior qualidade a sua nobreza e caráter, porém, passado o mundo por mudanças sejas elas temporais, econômicas, ideológicas ou culturais a imagem do herói também sofreu com essas alterações, quando deixou a imagem de homem justo e perfeito, para a imagem de herói problemático, sem caráter e que também comete falhas, igualmente ao homem comum.

Tendo estudo fundamentado pelas teorias de Luckács, Feijó e Kothe, dos quais expressam teorias embasadas no estudo do herói desde o seu surgimento até a Era Moderna. Deste modo, o presente artigo tem por objetivo analisar a trajetória do protagonista Dorian Gray como herói moderno na Obra *O retrato de Dorian Gray* de Oscar Wilde, apresentando os conflitos que esse herói enfrenta, seja ideológicos ou psicológicos e como as escolhas do mesmo afetarão em sua queda.

Este artigo tem a intenção de mostrar a complexidade deste personagem-protagonista que deixa-se corromper por sua sede de vaidade e ambição, apresentando sua trajetória que passa por uma metamorfose de sensações e atitudes, analisando também seu ideal de vida baseado nos conceitos usados pelos críticos literários e de como suas escolhas o afetarão ao final da narrativa,

Este é um trabalho de cunho bibliográfico que analisa a obra de Oscar Wilde, *O retrato de Dorian Gray*, que têm como temática abordada o estudo das teorias que envolvem e abordam o herói moderno dentro do seu contexto narrativo e de como as relações pessoais e interpessoais afetam o caráter do protagonista. E para a realização deste artigo foi feito um estudo da trajetória literária do herói desde os tempos da epopeia, em seus heróis clássicos, épicos e trágicos, chegando até o estudo do herói moderno.

Como suporte teórico, utilizam-se as teorias de Luckács (2000) sobre a teoria do romance e a formação dos gêneros literários de acordo com os atributos das sociedades que os formaram, Feijó (...) e Kothe (1987) sobre o estudo da trajetória do herói desde o seu surgimento pelos heróis clássicos até os heróis da modernidade. E após a discussão teórica sobre a trajetória do herói na literatura, trechos do romance em questão serão extraídos para evidenciar como o personagem Dorian Gray representa este "Herói moderno."

## REFERENCIAL TEÓRICO

### O que é Herói?

Desde que somos inseridos no mundo literário, aprendemos nas histórias que ouvimos e lemos que o herói é aquele homem corajoso, forte e que ajuda as pessoas em prol de fazer somente o bem para o mundo, sendo ele o protagonista. Mas com o passar do tempo, aprendemos novas histórias que nos apresentam novos modelos de heróis que por vezes se diferem dos que eram definidos desde cedo pela nossa cultura. No entanto, poucas pessoas sabem sobre o surgimento do herói para o mundo e para a literatura, e antes disso, o que seria a definição de "herói" em outros contextos. O que nos leva, portanto, a um questionamento, onde e quando surge o herói para o mundo e para a literatura? E como podemos conceituar a palavra "Herói"?

Segundo Feijó (1984), para se chegar a uma conclusão sobre a definição do ser "herói", é necessário primeiramente fazer uma longa viajem ao início da história do mundo, mais precisamente à época da mitologia grega, quando houve os primeiros indícios de heroísmo por parte de homens comuns que até então eram desconhecidos como "heróis".

Nessa época o herói tinha uma relação totalmente ligada ao "mito", não de algo que se remete a uma mentira ou algo inventado, mas ao que diz respeito à crença de um povo que

acredita no “Mito” como sua pura verdade. É o que Kothe teoriza na seguinte citação: “[...] um mito sobrevive num povo não porque lhe explique a sua realidade, mas por refletir um aspecto real desse mesmo povo e até de todos nós: os mitos refletem sempre um medo da mudança” (1987, p 62). Ou seja, o mito tem como função consolar a história que sofre com as mudanças e que busca através dos ritos, cultos e lendas tentar voltar ao passado que julga ser melhor. E o herói está inserido nesse papel de ser o consolo contra essa fraqueza humana, que não consegue lidar com os seus problemas sozinha, que tem a necessidade de encontrar um alguém que ajude nas suas dificuldades e obstáculos da vida, alguém que possa idealizar como herói, que defende-nos dos obstáculos da vida.

Diante dessa visão de herói idealizado, surge o nascimento do herói para o mundo, quando em vários povos, indivíduos que seja por seu poder, valentia, força, coragem, e buscam por justiça passam a ser chamados “heróis”, e mais tarde venham a ser reconhecidos como “heróis mitológicos”. Feijó (1984) relata através de seu livro “O que é herói” que alguns estudiosos defendiam a ideia de que realmente esses heróis tinham sido indivíduos destacados em sua sociedade e que a imaginação das pessoas as fazia acreditar que eles possuíam poderes sobre-humanos. Por outro lado, alguns defendiam a teoria de que os heróis eram deuses rebaixados. Em ambas as teorias, porém, se assemelha a ideia do herói como o salvador do mundo, que utilizava seus poderes, sejam eles divinos ou não, em prol do bem maior, o bem do mundo, por puro “ato heroico”. Para Feijó:

> O mito universal do herói refere-se sempre a um homem ou a um homem-Deus todo-poderoso e possante que vence o mal, apresentado na forma de dragões, serpentes, monstros, demônios, etc. E que sempre livra seu povo da destruição e da morte. (1984, p. 21)

Com o decorrer do tempo, o herói se estabelece inserido na literatura e sofre mudanças em torno de como ele era sempre visto, deixando de lado a imagem de ser perfeito e passando a se tornar humanizado em sua essência, por meio de suas falhas, defeitos, conflitos internos, que até então eram sentimentos de exclusividade apenas do homem comum.

## 2. O HERÓI NA LITERATURA

### 2.1 O herói épico

Para Feijó, a primeira representação de herói dentro da literatura foi através do herói épico e um dos maiores admiradores das narrativas épicas eram os "Aristocratas", que se identificavam com os heróis épicos como se fossem seus antepassados e como se guardassem alguma coisa daquela valentia, fé e honra, como assim descreve a seguinte citação:

> Os heróis tinham assim um sentido de modelo para os aristocratas: uma virtude essencial. Porque a qualidade principal do herói épico era o que os gregos chamavam de areté (virtude): aquele que se mantém fiel a si mesmo. (1984, p. 56)

Tal virtude até os dias de hoje causa fascínio nos seus leitores, pois, nessa época que havia guerras e batalhas, estes heróis tinham a oportunidade de apresentar o seu potencial de heroísmo através de sua coragem, lealdade e determinação em nome de seu povo. Para Kothe, a epopeia, bem como a tragédia, é um gênero "maior" e seu herói, elevado, além de reforçar mitos e desejos coletivos, não individuais. Mas, pode apresentar baixezas. Kothe analisa a visão do herói épico, aproximando-a da ideia do homem comum, como diz na seguinte citação:

> Mas a medida que o herói épico decai em sua "epicidade" ele tende à crescer em sua humanidade e nas simpatias do leitor/espectador. (1987, p. 15)

O que Kothe procura expor diante da citação acima é a visão do herói humanizado que através de sua queda e rebaixamento apresenta falhas que seriam de exclusividade apenas dos seres mortais, ou seja, ao cair, pode ter culpa na própria desgraça. E, com isso, ganha a atenção especial do leitor que no final da narrativa se identifica com esse herói que também falha, que toma decisões erradas na vida, mas que ao final consegue se sobrepor aos percalços que o seu destino o proporcionou, e diante de tudo isso ganha forças suficientes para vencer seus desafios.

Diante do pensamento de Kothe, podemos analisar a ressalta que se faz sobre a escolha que um herói épico tende a construir a sua própria história, porém ao final isso implicará na condição de deixar de ser épico ou não. Um exemplo que Kothe expõe é a imagem de Aquiles que lamenta ter aceito morrer jovem e heroico ao invés de morrer velho e medíocre, uma escolha dificílima, mas que o tornou épico na sua essência de se pôr em sacrifício, logo, a grandiosidade do seu sacrifício corresponde à grandiosidade de sua epicidade, mesmo que esse herói tenda a se arrepender mais tarde, como fez Aquiles. O herói épico, ao ser degradado, se eleva, e não pode fugir a seu destino. O momento de sua queda é importante:

> Heitor com medo de morrer, Heitor fugindo, Heitor vencido e tripudiado. Mas á medida que o herói épico decai em sua "epicidade", ele tende a crescer em sua "humanidade" e nas simpatias do leitor/expectador. Em suas andanças de puro guerreiro, ele tende a se aproximar do pseudo-herói das "narrativas

> triviais masculinas", mas ele não se esgota em enfrentar dificuldades e vencer no fim (KOTHE, 1987, p. 14).

E diante da imagem de um herói épico leal e destemido que tem por sua maior grandiosidade o sacrifício que faz pelo bem maior, entramos em contraponto a imagem do "anti-herói épico" que, segundo as palavras de Kothe, seria aquele herói que não se enquadra na visão de heroísmo exposto pelas narrativas anteriores, como a seguinte citação apresenta:

> Nenhum herói é épico por aquilo que faz; ele só se torna épico pelo o modo de ser apresentado aquilo que faz. Assim, também, o anti-herói só deixa de ser herói por ele não se enquadrar no esquema de valores subjacentes ao ponto de vista narrativo (Kothe, 1987 pág. 16)

A partir deste pensamento Kothe expõe a ideia de visão aristocrática quando se coloca como "anti" algo que não é comum aos padrões já idealizados. Que para o "anti-herói épico" ser "anti-herói" é estar fora dos padrões ligados ao pensamento comum do regime político grego, algo que seria estar contra o povo na visão idealizada, porém, estar contra os padrões não significava plenamente estar contra o povo, quando a aristocracia também não poderia ser definida como a favor do mesmo, isto por que deve-se ter uma visão aberta quanto às mudanças de se pensar sobre os reais valores entre o que é o contra e o que é o favor, entre o que é anti para o que é heroico. Algo que Kothe incita na seguinte citação:

> Trata-se simplesmente de entender que as obras clássicas também são construídas a partir de determinadas perspectivas sociais, bem como entender que mudanças no modo de produção e no regime político criam novas sensibilidades e iluminam com novas luzes as obras do passado, obrigando-nos a repensá-las. (Kothe, 1987 pág 16)

Kothe abre um viés sobre a necessidade de se analisar obras do passado com um pensamento aberto sobre assuntos que devem ser revistos. No caso do "anti-herói épico", que foge à expectativa de um herói que segue os padrões de lealdade, perfeição e que apesar de sua queda consegue se erguer, define-se, assim, o "anti-herói", que não se encaixa à esse padrão de corresponder as expectativas de ser o salvador do mundo, o que enfrenta os problemas e vence no final, ao contrário, a vitória do "anti-herói' não acontece, assim como no "herói trágico".

## 2.2 O herói trágico

O herói trágico tem sua trajetória iniciada com a glória de suas façanhas, seu heroísmo e sua coragem inabalável, mas com o decorrer do tempo, é surpreendido por um acontecimento que muda esse cenário, o que resulta em sua queda e rebaixamento.

Sabendo disso, Kothe faz uma análise interessante na seguinte citação, sobre a comparação entre o “herói épico” e o “herói trágico”:

> O herói épico é um herói potencialmente trágico, mas é um herói cuja história deu certo; o herói trágico é um herói potencialmente épico e azarado pelo destino. O herói épico provoca o surgimento do herói trágico; o herói trágico guarda em sua sombra o seu herói épico. (Kothe, 1987 p. 24)

E seguindo a linha do pensamento de Kothe, podemos analisar a diferenciação do “herói épico” para o “herói trágico” ao entender que o herói épico é aquele que passa por dificuldades, obstáculos, quedas no decorrer de sua trajetória, porém ao final sempre se sobressai e chega a ser reconhecido por seu grande sacrifício. Quanto ao “herói trágico”, seria aquele que, apesar de ser justo e leal aos seus princípios, tende a cair a qualquer caminho que tome, pois não pode decidir seu destino, e já está destinado a ter um final trágico, pois os deuses assim o quiseram.

Kothe (1987) também analisa que este herói nunca poderia ser um indivíduo pertencente à classes baixas, pois enfatiza que quanto mais se está por cima na vida, maior é a queda quando se é rebaixado e a tragédia para este herói só pode ser reconhecida como tal quando ela advém da grandeza que tivera na vida. E assim Kothe a descreve na seguinte citação:

> O clássico herói trágico nunca é um membro do povo ou a camada média. Dentro da filosofia de que, quanto maior a altura, maior também o tombo, ele geralmente está no poder. Parece pertencer por direito natural ao plano elevado, mas aos poucos vai-se descobrindo o quanto ele está chafurdando no charco. Ele descobre a mão-de-ferro do poder, do destino, da história: descobre que o seu agir foi errado; descobre que não deveria ter feito tudo o que fez; descobre que é o mais fraco na correlação de forças, embora aparente ser o mais forte, ou ainda que tenha acreditado ser o mais forte. (Kothe, 1987 p. 26)

Diante da análise que Kothe expõe quanto ao herói trágico também possuir características de um herói alto, não por ser um espelho de caráter exemplar, mas sim por ter grande poder e bens materiais, podemos analisar um dos fatores que geralmente o levam à queda: vaidade, orgulho ou ambição. Por meio destas características, este herói acredita que nada pode atingi-lo ou que nada pode temer, assim, toma certas escolhas na vida que julga como

corretas, mas que ao final, mostraram-se equívocas, e provocaram sua queda. Só a partir desse momento reconhece sua fraqueza medíocre que o fez acreditar que o seu poder terreno teria forças quanto ao seu destino. E estando tarde demais para reaver o dano causado e por estar tão cego em sua grandeza, acaba como segundo Kothe descreve, tendo uma queda maior em sua desgraça e rebaixamento do que se não tentasse burlar seu destino. E é a partir desse momento de fragilidade que se encontra com a sua grandiosidade épica, dada por sua derrota trágica, como assim Kothe descreve na citação abaixo:

> E é lá embaixo que ele redescobre a sua grandeza, não significando isto, porém que ele necessariamente deixe de morrer ou que venha a recuperar o poder perdido. Ele como que perde o poder terreno para conquistar um poder espiritual. (Kothe, 1987 p. 26)

Contudo, este herói não se resume apenas em sua tragédia e queda. Feijó (1984) aponta o "destino" como sendo o grande protagonista do enredo deste herói trágico, citando a tragédia de "Édipo", de Sófocles, em que Édipo, desde o seu nascimento tem por destino sua queda e desgraça, isso a partir de dois fatores que se prendem à sua sina, que seriam o "mito" e a "tragédia", como assim apresenta Feijó na seguinte citação:

> Uma comparação pode ser feita para os dois momentos: no mito, o que prevalece é o destino, no qual nenhum homem escapa; na tragédia, o que se destaca é a luta do herói contra o destino. O herói trágico é derrotado diante da força do destino, mas o que o humaniza, o que dá a ele uma "paixão terrestre", é exatamente a sua luta contra isso. (Feijó, 1984, p. 61)

Diante da análise de Feijó na citação anterior, a história de Édipo se toma como perfeita ilustração para remeter-se ao herói trágico, no qual se enlaçam os dois fatores importantes, o "mito" e a "tragédia". Primeiramente, o "mito", quando Édipo desde pequeno é profetizado com um futuro trágico, no qual seria o futuro assassino de seu pai e por consequência casaria com sua mãe, caracterizando assim o "mito" como insensível à vontade humana, o homem não tem direitos sobre seu destino. Seu pai, tendo conhecimento dessa profecia, decide mandar seu filho para bem longe com medo que o mesmo causasse sua morte, tentando assim mudar o destino que lhe foi reservado. E como já dito, na profecia, Édipo assassina seu pai sem saber quem era e depois salva a cidade de sua mãe de um demônio e com isso casa-se com a mesma, sem também saber quem era. Anos mais tarde, concretiza sua tragédia quando pede à população que investiguem o assassinato do antigo rei de Tebas, marido de sua então esposa, por que

segundo os oráculos o assassino deveria ser expulso da cidade. Mas, no decorrer das investigações ele descobre ser ele o assassino, porém, a conselho de sua esposa decide manter isso em segredo. Mas as investigações só aumentam e ao final temos o desfecho de uma tragédia inevitável, quando Édipo assume ter sido o assassino do Rei de Tebas que por consequência era seu pai e a esposa com o qual era casado era sua mãe. Ao final, Jocasta mãe e esposa de Édipo, se suicida e o mesmo arranca seus olhos com as próprias mãos e estando cego e derrotado afirma sua identidade e concretiza sua tragédia.

Assim sendo, vemos que o final do herói trágico se caracteriza pela busca de mudar seu inevitável destino, porém o que o faz se sentir mais derrotado é analisar que sua força, poder e superioridade são características inúteis quando o destino não está a seu favor; sendo assim, é um herói alto em sua superioridade e poder, porém baixo na incapacidade de mudar seu próprio destino, bem como também um herói que falha não por suas escolhas e sim por predestinação.

### 2.4 Heróis modernos

Chegando na era moderna, nos deparamos com um mundo que passou por várias transformações, sofrendo influências ideológicas, econômicas ou culturais que reverberam no homem e no modo como pensa. Consequentemente, o herói também sofrerá mudanças, tanto em sua ideologia quanto em suas características, tornando-se agora um homem comum que possui defeitos, fraquezas, dores físicas e emocionais, caráter baixo, problemas familiares, sociais, sem glória, desacreditado e também caracterizando-se, muitas vezes, como um herói sem objetivos na vida.

Deste modo, a consequência dessa nova imagem de herói se dar pela modernidade de uma sociedade que não mais acredita em heroísmos, quando o homem preocupado com a sua sobrevivência e com a realidade dura da vida, passa a pensar individualmente. Em uma época em que havia guerras, miséria, fome, e falta de emprego, o homem comum necessita urgentemente de um plano que o salve dessa decadência, passando a seu próprio herói que luta contra seus obstáculos diários para conseguir o pão de cada dia.

Em vista da imagem deste herói moderno que se confunde com o mundo, podemos remeter suas características a uma mistura de herói alto e baixo. Que seria segundo Kothe o herói alto aquele advindo de camadas altas da sociedade e por ter poder e superioridade se defini por assim alto e o herói baixo seria aquele que vem da classe baixa da sociedade e tem como sua principal característica o seu lado cômico. Pode parecer-se com um herói alto por

possuírem, ambos, em suas essências atos não-heroicos, como também possuir caráter baixo e consequentemente cometer certos atos ilícitos que ferem a imagem de si antes vista como de um ser superior e perfeito, para uma posição atual de anti-herói, o que mais tarde será explicado. Este herói moderno, por sua vez, também terá semelhanças com o "herói baixo" quando representará personagens de classes baixas, porém elevados em um plano espiritual de grande complexidade ideológica. Um exemplo que compõe esse paradoxo de herói moderno, que apresenta os dois lados dos heróis altos e baixos, é o herói da obra de Mario de Andrade conhecido como "Macunaíma", que é um herói "baixo" por seu status de pobreza total e com ascendência "alta" por ser um herói sem caráter.

Para traçar um pareleo entre os heróis que vimos até então, podemos recorrer às palavras de Feijó (1984, p. 63), que afirma que "na mitologia, o herói é divino. Na poesia épica ele é unidade de sentimento e ação. Na história é separado da realidade. Na literatura, o destino do herói é a sua iniciação: a descoberta de si mesmo". Diante desta linha de pensamento sobre o herói moderno, Kothe analisa-o, muitas vezes, como tendo a imagem de herói negativo e infeliz, e que na maioria das narrativas o mesmo terá um final triste, como afirma ao citar Weinrich:

> Segundo Weinrich, as obras modernas, para poderem ser artisticamente superiores, têm como que uma proibição de heróis positivos e de felicidade. (Kothe, 1897, p. 61)

Seguindo o pensamento de Weinrich na análise anterior, vemos que as obras modernas em sua maioria apresentam narrativas de heróis negativos e infelizes, tudo isso por que quando o herói passou a ser retratado como o homem comum da sociedade moderna, teve que se igualar à situação real que fere o mesmo. Assim, diferentemente dos antigos heróis que lutavam contra seres malignos e criaturas ferozes e que ao final gozavam da glória por suas vitórias, este por sua vez lutaria contra problemas reais referentes ao homem, como tentações, vícios, escolhas erradas na vida, sonhos não realizados, problemas familiares, luta por um sentido na vida, entre outros. Este herói moderno representará, grande parte das vezes, o homem que não acredita mais em contos de seres encantados ou heroísmos resplandecentes, quando a vida se encarrega de apresentar uma realidade fria e dura. Assim como Lukács apresenta na citação seguinte a teoria do homem com os seus problemas sociais passa a ser visto como indivíduo:

> O herói da epopeia nunca é, a rigor, um indivíduo. Desde sempre considerou-se traço essencial da epopeia que seu objeto não é um destino pessoal, mas o

> de uma comunidade. E com razão, pois a perfeição e completude do sistema de valores que determina o cosmos épico cria um todo demasiado orgânico para que uma de suas partes possa tornar-se tão isolada em sim mesma, tão fortemente voltada a sai mesma, a ponto de descobrir como interioridade, a ponto de torna-se individualidade. (LUCKÁCS, 2000, p. 65)

A questão que Luckács apresenta na citação acima é sobre o homem que torna-se individualista por seus problemas pessoais e sociais não estão mais vinculados ao todo de uma comunidade, como à exemplo da epopeia que o destino do homem baseava-se no coletivo, no romance por sua vez, o homem apresenta problemas seja internos ou externos mas que condize apenas a ele, acaba por centralizar o mundo apenas em si, o que faz se isolar em seu interior e na sua individualidade, deste modo, o herói torna-se um ser problemático que procura um rumo para entender a si mesmo, como na seguinte citação Luckács apresenta esta análise:

> O processo segundo o qual foi concebida a forma interna do romance é a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo, o caminho desde o opaco cativeiro na realidade simplesmente existente, em si heterogênea e vazia de sentido para o indivíduo, rumo ao claro autoconhecimento. Depois da conquista desse autoconhecimento, o ideal encontrado irradia-se como sentido vital do romance; só é possível alcançar um máximo de aproximação, uma profunda e intensa iluminação do homem pelo o sentido de sua vida. (LUCKÁCS, 2000, P. 82)

Segundo Luckács na citação anterior, podemos analisar que o romance passou a se tornar complexo, quando o herói problemático passou a tentar compreender a si mesmo e a razão de sua existência. O romance só passa a ter sentido real quando o herói consegue chegar a auto afirmação de sua vida e de lugar realmente deve ocupar no mundo.

Dentre as possíveis classificações do herói moderno, Kothe (1987) também fala do “anti-herói”, que apresenta atitudes que vão tanto contra o heroísmo ideológico enraizado em nossa sociedade desde o tempo da Grécia antiga, como também a moral de toda uma sociedade. Este “anti-herói’ por exemplo, vai além da falta de heroísmos, podendo apresentar um caráter frágil e conformista, sendo dominado, sem virtudes ou objetivos nobres. Pode também ser um sujeito que rompe com a ética social, vivendo à margem da sociedade.

O herói mudou expressivamente. Antes, o “herói épico” representava um modelo de herói perfeito e fiel aos seus princípios, já o herói na modernidade passa a incorporar baixezas às suas características, podendo ser um herói sem escrúpulos e sem senso moral. Diferentemente também da imagem do “herói trágico”, que se caracteriza preso a um destino fadado que irá levá-lo até sua queda, o “herói moderno”, por sua vez, se difere por que sua tragédia se baseia não por obra do destino, mas sim pelas escolhas que este toma para si.

Com o passar do tempo o herói vai se modificando, bem como acontece com o mundo que se transforma constantemente, tendendo assim aos heróis a se adaptarem ao contexto que a sociedade estabelece. No caso dos heróis mitológicos, a sua existência surgiu através da necessidade de um povo que, dominado por deuses, não tinha como se defender de dragões, demônios ou de outras criaturas malignas, assim também como os próprios deuses que puniam o povo quando os mesmos ousavam desobedecer. Portanto tinha-se a necessidade do surgimento de um herói que os livrassem e salvassem desses tipos de males. Foi quando surgiram vários tipos de heróis, como por exemplo, "Hércules", filho de um deus com uma mortal, que foi um dos grandes heróis da mitologia grega e, tendo herdado os poderes de seu pai "Zeus", fez uso dos mesmos para salvar o mundo de todos os males.

Já na era moderna, o herói teve que se adaptar não só com a evolução do mundo, mas também no modo como as pessoas passaram a pensar quanto a necessidade de lidar com os seus desafios e obstáculos (antes vistos na imagens de dragões e demônios), agora representados pelo próprio homem ou pelas suas próprias dificuldades, fazendo-os desacreditarem na existência de um ser que pudesse salvá-los. Sendo assim, o herói para a idade moderna torna-se o próprio homem que enfrenta os seus próprios obstáculos e dificuldades que encontra em seu caminho, como por exemplo "conseguir sobreviver com o salário mínimo e resistir às condições de trabalho vigentes"(Kothe, 1987 p.53), como também conseguir pagar todas as suas dívidas ao final do mês, sustentar seus filhos dando-lhes boa educação, resistir à tentações na vida como vícios, desejos carnais, ambições e ainda conseguir conservar seu caráter e, ao final de tudo, vencer na vida.

## 4. ANÁLISE

Segundo os dados biográficos da editora *Martin Claret Ltda.* (1999) Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde foi um escritor Irlandês que nasceu em 16 de outubro de 1854 na cidade de Dublin na Irlanda, e viveu até 30 de novembro de 1900, falecendo de meningite em Londres. Seu pai era médico e sua mãe escritora, e sua educação foi estabelecida na religião Protestante, porém, converteu-se à Igreja Católica anos mais tarde.

Estudou em Trinity College, que fica em Dublin, e ganhou uma bolsa de estudos para estudar em Oxford; foi um bom aluno que apesar de não estudar muito, tirava boas notas, e tinha grande aptidão para as obras clássicas e idiomas. Mudou-se para Londres, onde passou a ter uma vida agitada entregue aos prazeres da vida e vícios. Foi o criador do movimento

Dandismo, que tinha como ideal entregar a vida a preocupações artísticas como escape para os problemas da Era Moderna.

Voltando para a Inglaterra, casou-se com Constance Lloyd. Em 1880 lançou a obra teatral “Vera”, e entre os anos de 1887 e 1888 escreveu diversos contos e novelas, porém pouco depois foi denunciado por seu próprio pai e condenado à prisão por dois anos, por supostamente ter tido um caso amoroso com um jovem chamado Bosie, caso visto naquela época como crime na Inglaterra. É considerado um dos grandes escritores do século XIX, sendo algumas das suas obras: “O leque de Lady Windermere”, “O príncipe feliz”, “A importância de ser Prudente”, “O crime de Lord Artur Saville” e na prisão escreveu “A balada do cárcere de Reading”. (BURGESS, 2003).

Seu único e grande romance foi “O Retrato de Dorian Gray”, escrito em 1890 e publicado em 189. A obra apresenta um paralelo de arte com a juventude sem objetivos que se entrega completamente aos prazeres que a vida pode lhe dar. Essa obra não foi bem recebida pelos críticos que definiram a mesma como “envenenadora dos costumes”, no entanto Oscar Wilde afirmava que sua obra era moralmente perfeita, não se importava com o que diziam, pois sua maior preocupação era pregar a “arte pela a arte” e com este reconhecimento afirmar assim sua superioridade artística.

Na obra “O retrato de Dorian Gray”, Oscar Wilde narra a história do protagonista Dorian Gray, que com pouco mais de vinte anos, no início da narrativa, se apresenta como um jovem tímido e inocente, que vive sozinho após a morte de seu avó, último parente familiar vivo até então, de quem não tinha boas lembranças. De família nobre, Dorian herda grande fortuna e por isso faz parte do convívio da mais alta e pura sociedade da Inglaterra. Porém, o que o deixa ser reconhecido e exaltado não é sua linhagem ou *status* social, mas sim, por ser dono de uma beleza inigualável, beleza esta que será um dos pontos decisivos para o desenrolar de todo o enredo que gira em torno da vaidade e da busca pelo prazer. Diante disso, Dorian passará por uma degradação de caráter, quando antes conhecido por um jovem inocente e tímido, passa a ser um homem sem caráter, devasso, e sem pudor quanto aos prazeres que a vida pode lhe proporcionar. Dorian deixa-se corromper pela vaidade, quando o mesmo afirma que daria sua alma em troca de permanecer sempre jovem e belo, e assim se concretiza um dos fatos mais importantes da obra, quando após ditas essas palavras o quadro com sua imagem torna-se sua alma, seu tempo e seu pecado.

Ao final, temos o desfecho de um herói que após ter se entregue totalmente aos prazeres e bonanças de uma vida de luxúrias, se encontra perdido em seu eu, sem objetivos e infeliz, condenado dia após dia a assistir as marcas de seus pecados presentes no retrato, que antes tinha a imagem fiel de uma beleza esplendorosa, para agora a imagem de um cadáver em decomposição que fede, e assombra-lhe o medo de ser desmascarado. Dorian decide recomeçar de novo, tornar-se uma pessoa melhor, com a esperança de purificar sua alma e trazer paz ao seu coração, com isso acredita que o único meio sensato seria destruir o retrato que tanto representou sua ruína desde o momento em que se deixou corromper pela vaidade e sede de juventude eterna, mas ao tentar fazer isso, em vez do retrato, destrói a si mesmo concretizando assim sua própria tragédia. O quadro então volta a mostrar sua aparência jovem e Dorian adquire o aspecto de sua alma: corrompida, feia.

### 4.1 Dorian Gray como herói moderno

Dorian Gray era um jovem belo, "com os lábios finos e vermelhos, os olhos azuis de expressão franca, os cabelos crespos e dourados, a sua fisionomia tinha qualquer coisa que logo inspirava confiança. Lia-se nela toda a candura da mocidade e, ao mesmo tempo, a pureza de uma alma apaixonada. Sentia-se que ainda não maculara a torpeza do mundo". (WILDE, 2009 p. 27 e 28) Assim é apresentada a imagem Dorian Gray no início da narrativa para Lorde Henry Wotton por seu amigo Basil Hallward, no momento em que estava produzindo o retrato de Dorian. Este protagonista era jovem bom e com caráter exemplar, indiferente às impurezas e prazeres da vida. No decorrer da narrativa, Dorian se deixa envenenar pela sede de vaidade e o desejo de permanecer sempre jovem, ideias reforçadas por parte tanto de Basil que o endeusa e o envaidece por sempre lembrá-lo de como é belo, como também por parte de Henry, que apresenta a ideia de que o mesmo ainda envelheceria e consequentemente toda beleza que possuía teria um fim, como assim podemos ver na citação seguinte:

> Quando a mocidade passar, a sua beleza irá com ela; então o senhor descobrirá que já não o aguardam triunfos, ou que só lhe restam as vitórias medíocres que a recordação do passado tornará mais amargas que destroçadas. Cada mês que se escoa o aproximará mais emais de algo horrível. O senhor perderá a cor, terá as faces encovadas, o olhar tristonho. Sofrerá horrivelmente...oh! dê valor à sua mocidade, enquanto tem. Não malbarate o ouro dos seus dias, escutando os maçadores, tentando remediar o irremediável [...] procure sempre sensações novas. Não tema nada [...] a pulsação dos vinte anos esmorece. Perdemos o vigor físico, acuidade dos sentidos. Degeneramos em fantoches hediondos, perseguidos pela recordação das paixões que tanto receávamos, das deliciosas tentações a que não animamos a ceder. Mocidade! Mocidade! Nada há no mundo, senão a mocidade! (WILDE, 2009, p. 33 e 34)

Na citação anterior, Henry Wotton expõe para Dorian Gray a lado amargo do envelhecimento, de quando tudo o que um dia foi belo se torna detestável, e seguindo esta linha de pensamento apresenta a Dorian a teoria envenenadora de ceder a qualquer desejo que tenha, não se privando por medo ou dúvida, mas sim, aproveitar os dias de quando ainda se encontra possuidor de suas duas maiores riquezas, a juventude e a beleza. Diante desses pensamentos, Dorian sente que uma nova sensação surge em seu ser, como assim expressa a seguinte citação:

> Tinha uma vaga noção de que influências inteiramente novas lhe agiam no íntimo, influências que, no entanto, pareciam provir dele próprio. As poucas frases do amigo de Basil, palavras ditas as acaso, sem dúvidas, cheias de paradoxos voluntários, tinham-lhe tocado alguma corda secreta, nuca dantes vibrada, mas que já agora se agitava e palpitava com pulsações estranhas. (WILDE, 2009, p. 30)

Na citação acima podemos analisar que a partir das palavras ditas por Henry Wotton, Dorian Gray depara-se com um novo mundo de puras sensações e gostos, causando-lhe um efeito devastador que desperta não só seu profundo senso crítico, como também a possibilidade tentadora de se entregar aos seus prazeres e desejos carnais sem pudores e arrependimentos. Este herói, inicialmente puro e inocente, começa a mudar, sendo despertado pela vaidade. Porém, a princípio, Dorian rejeita esta filosofia pela mesma fazer reversão à regras impostas pela sociedade que um homem civilizado e de bom caráter nunca deveria entregar-se aos prazeres momentâneos da vida e entra em conflito consigo mesmo num súbito de emoção e exaltação da sua própria imagem, que reafirma a ideia de quanto é belo e maravilhoso. Sabendo disso, a seguinte citação apresenta a crise interior em que Dorian se encontra quando pela primeira vez fica diante do retrato que Basil Hallward faz de sua imagem:

> Mal pousou o olhar no quadro, recuou e corou de prazer. Uma jubilosa lampejou - lhe nos olhos, como se nesse momento se visse pela primeira vez. [...] A noção da sua beleza dominava-o como uma revelação. Nunca a tivera antes dessa hora. Sempre tomara os elogios de Basil por um exagero gentil de amigo. [...] Sim, dia haveria de vir em que o rosto se lhe deformaria, enrugado e murcho, com os olhos emaciados; em que seu corpo airoso perderia a elegância, a graça dos movimentos. Esmaecer-se-ia o vermelho de seus lábios, tornar-se-ia fosco o ouro vivo de seus cabelos. À medida que lhe fosse formando a alma, a vida lhe deformaria o corpo. Ele ficaria horrível, hediondo, grotesco. A essa ideia, uma dor lancinante trespassou-o como uma punhalada, fez tremer todas as fibras da sua natureza delicada. Seus olhos escureceram em um tom de ametista, velados por uma névoa de lágrimas. E Dorian teve a sensação gélida de uma mão fria que se lhe pousasse o coração. (WILDE, 2009, p. 35-36)

Podemos ver na citação anterior o prazer de Dorian em contemplar a própria beleza, mas também o seu medo profundo de um dia envelhecer e deixar toda a beleza e mocidade para trás, ideia que lhe causa repugnação e calafrios, apresentando assim a imagem de um herói moderno que parece não ter objetivos na vida, quando o único objetivo é apenas o desejo de não envelhecer, um ideal egocêntrico de pura vaidade, muito diferente do herói das obras clássicas, epopéias e tragédias, idealizados, de caráter elevado, que possuíam seus objetivos baseados no bem comum. Dorian, como herói moderno, centraliza seu único e verdadeiro ideal de vida, na juventude eterna. A confirmação dessa análise se dá quando o mesmo encontra-se totalmente obcecado pela sua vaidade, e afirma ser capaz de ofertar até sua própria alma em troca de para sempre permanecer jovem e belo, dito isto, ocorre um fato sobrenatural decisivo para o desenvolvimento de sua história, quando o seu desejo se concretiza, como assim apresenta a seguinte citação:

> – Que tristeza! – murmurou Dorian. – Que tristeza! – repetiu, com os olhos cravados na sua efígie. – Eu vou ficar velho, feio, horrível. Mas este retrato se conservará eternamente jovem. Nele, nunca serei mais idoso do que neste dia de junho... Se fosse o contrário! Se eu pudesse ser sempre moço, se o quadro envelhecesse! ... Por isso, por esse milagre eu daria tudo! Sim, não há no mundo o que eu não estivesse pronto a dar em troca. Daria até a alma! (WILDE, 2009, p. 36)

Dorian Gray, a partir deste momento, consolida sua complexidade ideológica quando afirma que seria capaz de entregar sua própria alma em troca da juventude eterna, apresentando um ideal de um herói moderno que se preocupa com interesses egoístas. Ao mesmo tempo, mostra-se também como um herói problemático, pois sua vida não lhe satisfaz e precisa da beleza e juventude eternas para ser feliz. Após a concretização deste fato, este herói tenderá a fazer escolhas erradas na vida que o levará até sua queda. A primeira delas é quando se deixa envolver por teorias maliciosas de Henry Wotton, que apresenta-lhe um ideal de vida que diz que todo homem deveria se deixar render a todo e qualquer prazer que a vida possa lhe proporcionar, como apresenta a seguinte citação:

> Peque corpo uma vez, e estará livre do pecado, por que a ação tem um dom purificador. Nada restará então, salvo a lembrança de um prazer; ou a volúpia de um arrependimento. A única maneira de se livrar de uma tentação é ceder-lhe. Resistamos-lhe, e a nossa alma adoecerá de desejo do que proibimos a nós mesmos, do que as suas leis monstruosas tornaram monstruoso e legítimo. (WILDE, 2009, p. 30)

A citação anterior apresenta bem o ponto de vista que Henry Wotton tem sobre a vida e como a mesma deveria ser sentida, e estas palavras causam seu efeito em Dorian, que a princípio tenta bloquear o sentimento de euforia e êxtase, mas depois lhe causam um efeito devastador e vicioso. Dorian não esconde seu fascínio pelas teorias de Henry e após se tornarem grandes amigos, pede que o mesmo continue a lhe falar mais sobre suas filosofias que lhe prendem total atenção e fascínio. Notamos que este herói não possui o caráter nobre e forte dos heróis trágicos ou da epopéia, pois Dorian parece facilmente se deixar levar por idéias de outros, sem pensar muito em sua moralidade.

Levado por pensamentos e conflitos, Dorian decide espairecer suas ideias. Por acaso do destino conhece Sibyl Vane, uma jovem atriz encantadora e apaixona-se perdidamente desde o instante em que a viu encenando uma peça. O modo como a mesma se entrega a seu papel lhe causou muito fascínio, e depois de conhecê-la melhor pede sua mão em casamento. Ela aceita e entrega-se profundamente a Dorian, a quem chama de "príncipe encantado", porém todo esse amor não dura muito. Quando Dorian convida Basil e Henry para assisti-la encenar e Sibyl, neste dia, não atua bem, todo o amor que Dorian Gray sentia por ela parece morrer, gerando assim o primeiro ato de maldade deste herói. Após a peça, ele expõe toda a sua indignação e arrependimento de tê-la visto, e após isso rompe impiedosamente com o compromisso, assim como mostra a seguinte citação apresenta:

> Eu a amei, porque você era maravilhosa, porque tinha talento e inteligência, porque concretizava o sonho dos grandes poetas e dava forma e substância às criações da arte. Desprezou tudo isso. Logo, é superficial e tola. Meu Deus que loucura a minha! Como pude amá-la? Agora deixou de existir para mim. Não tornarei a vê-la, não tornarei a pensar em você, nunca mais direi seu nome! Nem imagina o que foi para mim outrora. Sim, outrora... Nem quero me lembrar disso. Antes nunca a tivesse visto! Você estragou o romance da minha vida. Muito pouco sabe você do amor, se acha que ele pode ofuscar a arte! Sem a sua arte, que é você? Eu lhe darei toda a glória, a riqueza, o esplendor. Você teria o mundo a seus pés e usaria o meu nome. Que é você agora? Não passa de uma atriz de terceira categoria com uma carinha bonita! (WILDE, 2009, p. 89)

Na citação acima podemos ver a imagem de Dorian Gray já com uma mudança totalmente diferenciada do que aparentava no início da narrativa, quando ainda era inocente e tímido. Deste modo este herói apresenta a primeira evidência de influência das ideias de Henry Wotton, quando trata Sibyl Vane com crueldade e sem compaixão, um lado que Dorian Gray ainda não havia demonstrado. Visto também que Sibyl Vane não passou de um de seus caprichos amorosos, pois no instante em que deixou de ser a imagem de perfeição para ele, ele a descartou, o que se constitui mais uma característica de herói moderno por não possuir

nenhum caráter. Após o ocorrido, Dorian irá deparar-se com uma mudança em seu quadro, que agora demonstra uma expressão de maldade no lugar da imagem feliz que antes possuía, assim como podemos ver na seguinte citação:

> Seria verdade? O retrato mudara mesmo? Ou fora simplesmente a imaginação que o fizera ver uma expressão maldosa onde sempre houvera um ar feliz? Acaso um retrato pode mudar de expressão? Que absurdo! (WILDE, 2009, p. 95)

Dorian recusa-se a acreditar na mudança do quadro, visto que seria algo fantasioso, impossível de ser real. Neste momento, Dorian percebe que as marcas presentes no quadro são as marcas do seu pecado, ou seja, a representação de sua alma. Diante disso, Dorian analisa que realmente foi grosseiro com Sibyl e que a mesmaviria a ser a purificação de sua alma, assim como a citação seguinte apresenta:

> Um coisa, pelo menos, esse quadro lhe proporcionara: fizera-o compreender a injustiça e a crueldade do seu procedimento com Sibyl Vane. Não era demasiado tarde para repará-las. Sibyl seria sua esposa. (WILDE, 2009, p. 96)

Assim como apresenta na citação seguinte, Dorian Gray expõe em sua fala que se arrepende tratar mal Sibyl Vane de forma rude e grotesca, decide perdoá-la e que o quadro seria sua consciência que o guiaria pelos caminhos corretos a seguir na vida. Vemos um herói problemático, como o quer Luckács (2000), pois Dorian parece não se ajustar à sua sociedade. Deveria casar-se com uma atriz de segunda categoria? Deveria fugir de sua própria maldade? Porém, neste momento Dorian tenta convencer seu leitor que pretende ser uma pessoa boa, quando na verdade não era de seu desejo mudar de opinião sobre Sibyl ou muito menos casar-se, faria isso apenas por vaidade, por saber que o quadro mudara após ter sido rude e cruel, e que isso seria marca de sua ação. O que comprova essa análise é quando Dorian, após saber da morte de Sibyl Vane, não expressa nenhuma tristeza ou remorso, na verdade aparenta uma frieza e pouca compaixão pela mulher que dizia amar, como na seguinte citação apresenta:

> – Fui eu que assassinei Sibyl Vane! – murmurou Dorian Gray. – Matei-a, como se lhe cortasse o pescoço com uma faca. [...] A vida é extremamente dramática! Se eu lesse isso em um livro, Harry, creio que teria lágrimas nos olhos. Como aconteceu na realidade, não sei por que, é maravilhoso demais para chorar. Aqui está a primeira carta de amor que escrevi na minha vida. Curioso! A minha primeira carta de amor é endereçada a uma defunta. [...] Decidi voltar para ela, senti que procedera mal. E ela está morta... Meu Deus, meu Deus, Harry, que hei de fazer? Você nem desconfiado perigo que me ameaça; e não há nada, nada em que eu possa me apoiar! Só Sibyl me salvaria. Não tinha o direito de morrer. Foi egoísmo! (WILDE, 2009, p. 99)

Diante da citação acima podemos comprovar a análise anterior quando julgamos que Dorian Gray não havia se arrependido verdadeiramente de ter magoado Sibyl, ao contrário, a usaria apenas como escape para se purificar de seus pecados, quando já era de seu conhecimento que o quadro de forma ainda inexplicável havia concretizado suas palavras em verdade. Vemos que este herói é egoísta, não se preocupa com o bem alheio, apenas consigo mesmo. E após este momento este herói moderno apresenta mais novos conflitos internos, quando em uma oscilação de emoções apresenta dois momentos opostos, o primeiro após morte de Sibyl Vane, quando demonstra uma atitude de pura frieza e insensibilidade e depois passa por súbito de peso na consciência, se arrependendo por sua atitude. No entanto a conclusão a que o nosso herói chega é deixar-se render pela ideia ambiciosa de fazer com que o quadro seja o seu libertador, que o faria livre para entregar-se a qualquer desejo que poderia vir a ter sem receio de consequências ou pudor, como vemos na seguinte citação:

> Esse quadro seria para ele o mais mágico dos espelhos. Revelara-lhe o seu corpo e assim lhe mostraria a sua alma. [...] Dorian Gray continuaria a ostentar o viço da mocidade. Não murcharia jamais a flor da sua beleza, nem esmoreceria a sua pulsação vital. À semelhança dos deuses da Grécia, ele seria forte, ágil e alegre. Que importava o que aconteceria à imagem pintada na tela? Ele estaria intacto. E isso era tudo. (WILDE, 2009, p. 105)

Diante da citação acima vemos que Dorian Gray, após descobrir o poder que o quadro lhe traz, passa a representar uma imagem de muito mais confiança, pois por ter conseguindo concretizar seu grande desejo de não perder sua juventude, encontra-se em seu triunfo e vitória. Dorian deixará de sofrer qualquer mudança física, porém seu interior mudará completamente, e ele mesmo reconhece isso, como assim apresenta a seguinte citação de Dorian em diálogo com Basil Hallward:

> Noto que você estranha a minha linguagem. Nem calcula como eu me desenvolvi! Quando você me conheceu eu era um colegial. Agora sou um homem, com paixões novas, pensamentos e ideias diferentes. Eu também sou diferente, mas nem por isso você me queira menos. Mudei, mas você deve continuar a ser meu amigo. (WILDE, 2009, p. 108-109)

Assim como podemos ver na citação anterior, Dorian toma uma posição totalmente diferente ao que antes expressava quando Henry lhe apresentava pontos de vista de filosofias imorais, sempre repugnava-o dizendo que suas teorias eram ofensivas demais para se seguir.

Porém, após a morte de Sibyl, Dorian se apresenta totalmente mudado, suas teorias passam a se igualar por vezes com as de Henry. Um fator também muito importante que contribuirá para a mudança total de seu caráter é quando Henry lhe presenteia um livro que apresenta ideias tentadoras de pecado e liberdade, que em poucos minutos envolve Dorian, que compara muito do livro à sua própria vida, que foi escrita por outra pessoa, como apresenta a citação abaixo:

> Era como se os pecados do mundo desfilassem diante dele, em magníficas roupagens, numa pantomina acompanhada de sons suaves de flauta. Coisas que ele sonhara vagamente assumiam sob os seus olhos aspectos de realidade. Coisas que ele nunca sonhara se lhe revelavam gradualmente. Era uma novela sem enredo, com um único personagem – um estudo psicológico de certo jovem parisiense que passava a vida tentando ressuscitar, em pleno século XIX, as paixões e modos de pensar dos séculos anteriores ao seu, resume em si as várias mentalidades que caracterizavam o espírito humano, no curso dos tempos, prezando pela sua própria artificialidade virtudes, tanto quanto as revoltas instintivas que os sábios ainda denominam pecado. [...] Era em suma incenso que perturbava o cérebro. A simples cadência das frases, à medida que ele passava de um a outro capítulo, em uma espécie de devaneio em meio a um sonho malsão. (WILDE, 2009, p. 120 à 121)

Deste modo, o livro influenciou Dorian, que se renovou em seu modo de ver e pensar sobre a vida, sentindo-se motivado a seguir a filosofia que incita entregar-se a todo ou qualquer prazer que a vida possa lhe proporcionar. Novamente, vemos como este herói é típico da modernidade, pois suas angústias não recaem sobre o bem comum, sobre a perda de sua moralidade. Ao contrário, Dorian angustia-se somente ao pensar em si mesmo e na perda de sua juventude e beleza. Conseguindo vencer este obstáculo, ele passa a viver uma vida totalmente devotada aos seus instintos de prazer e êxtase, cada vez mais apaixonado por si mesmo e por sua imagem que idolatra e sabe que permanecerá sempre intacta, diferentemente do quadro que a cada ato pecaminoso cometido se torna mais hediondo e detestável, como notamos:

> Seu olhar corria então da fisionomia envelhecida e depravado da tela ao rosto jovem e atraente que lhe sorria no espelho. A própria violência do contraste servia-lhe para estimular seu sentimento de prazer. Estava cada vez mais enamorado da sua própria beleza, mais e mais empenhado em corromper a sua própria alma. Examinava minuciosamente, às vezes com deleite monstruoso e terrível, as linhas hediondas que desfiguravam a testa, que emurcheciam a boca sensual e dura, perguntando a si mesmo quais seriam mais horrendos, se os sinais do vício ou os da idade. Pousava as alvas mãos ao lado das mãos ásperas e manchadas do retrato e sorria. Zombava do corpo deformado, das pernas enfraquecidas. Durante a noite, porém, havia momentos em que, acordado em seu aposento impregnado de suave perfume, ou no sórdido quarto de uma taberna de má fama das docas, que tinha o hábito de frequentar disfarçado e com nome falso, Dorian punha-se a pensar no que fizera da sua alma, com uma piedade tanto mais pungente, porquanto era egoísta. Mas esses

> momentos eram raros. A curiosidade de conhecer a vida que Lorde Henry despertara nele em um dia distante, no jardim do amigo comum, parecia aumentar, à medida que se ia saciando. Quanto mais sabia, mais Dorian desejava saber. Tinha apetites furiosos que, embora satisfeitos, se exacerbavam mais e mais. (WILDE. 2009, p. 123)

Dorian Gray reafirma a característica de herói moderno que representa a falta de ideais nobres, a perda de sentido para a vida e se perdia em vícios, drogas, sexo, ambições e outras tentações que acabam levando-o até a sua queda. Este herói, diferentemente dos clássicos, não é alto, mas baixo, pois possui falta de heroísmo e caráter.

Basil Hallward eram um dos poucos que ainda tinham por Dorian grande respeito e amizade, pois o resto da sociedade afastava-se. Dorian tinha fama de ser totalmente imoral, tendo já levado muitas pessoas à ruína. Por vezes, este herói começa a demonstrar certo arrependimento, mas isso é muito oscilante e ele prefere enterrar suas dúvidas fundo em sua alma para aproveitar o que a vida lhe oferecia. Basil não conseguia acreditar nos comentários sobre Dorian e o confronta. Dorian em seu súbito de raiva e indignação resolve mostrar a Basil o segredo do fardo de sua alma que não suportava mais carregar sozinho:

> Encostado à lareira, Dorian Gray observava-o com a expressão singular que se vê na fisionomia dos que se concentram em uma peça teatral, quando atua um grande artista. Não era de tristeza verdadeira nem de satisfação real era simplesmente a atenção apaixonada do espectador, talvez com um lampejo de triunfo no fundo dos olhos. (WILDE. 2009, p. 142)

Dorian Gray sente em seu interior uma pequena paz por enfim poder partilhar seu segredo com alguém, porém, ao mesmo tempo tem sentimento de raiva e rancor de Basil por acreditar ser ele o grande responsável por sua maldição e desgraça. Este herói é incerto, pois por vezes parece buscar melhorar. Neste momento Dorian apresenta certo arrependimento por estar condenado a algo que nunca terá fim e diz a Basil:

> Há anos quando eu era ainda um adolescente- replicou Dorian, esmagando a flor entre os dedos –, você me conheceu, adulou-me, ensinou-me a envaidecer-me daminha beleza. [...] Você terminou o retrato que me revelou a maravilha de ser belo. Em um momento de loucura, de que ainda não sei se devo me arrepender ou não, eu formulei um desejo insensato... que você talvez qualifique de súplica... (WILDE, 2009, p. 142)

Mas, sentindo ódio e rancor, Dorian comete o pior de todos os seus pecados quando assassina Basil com uma punhalada de faca em seu pescoço friamente, por temer que Basil possa revelar-lhe o segredo de sua juventude eterna. Este herói moderno é muito diferente dos heróis antigos que morriam em sacrifício pelo bem de todos, este por sua vez pratica o oposto.

Após a morte de Basil, Dorian chega por um instante pensar se sua alma ainda tem salvação, porém, para ele nada disso mais importa, preocupar-se-ia apenas de esquecer tudo o que aconteceu.

Apesar de aparentar ser uma pessoa fria, calculista, sem amor e totalmente envolvido com a sua filosofia de vida liberal que lhe transmite confiança e orgulho, Dorian também possui medos que não são assumidos por ele, mas que são evidentes em dois momentos da narrativa. O primeiro, por pensar que alguém poderia descobrir seu segredo, o faz esconder o retrato; o segundo se dá pelo o medo de morrer pela vingança do irmão de Sibyl Vale, que o julga culpado. Com isso, Dorian passa a temer a todo instante a morte que sente se aproximar, o que faz o se tornar mais complexo em sua definição, quando passa de um herói que antes demonstrava confiança sobre sua vida e sua invencibilidade, para um herói totalmente vulnerável e fraco, quando reconhece que nada pode fazer contra a força de um destino que sente cada vez mais próximo:

> No dia seguinte, Dorian Gray não saiu de casa. Encerrou-se muito tempo no quarto, apavorado pelo pressentimento da morte, e ao mesmo tempo, indiferente à vida. Começara a dominá-lo a consciência de estar sendo perseguido. [...] vá que fosse ilusão...mas que poder, o da consciência! Que vida seria a dele, daí em diante, se os espectros dos seus erros o perseguissem dia e noite? (WILDE, 2009, p. 176)

A partir desse momento percebemos que Dorian Gray se encontra totalmente vulnerável e solitário em seus pensamentos mais obscuros, pois, além de se sentir vazio, não tinha ninguém com que pudesse se abrir e tirar um pouco do peso que lhe custara todo a sua sede de vaidade e estilo de vida mundana. Assim totalmente perdido em seus pensamentos, reafirma a imagem de herói moderno que entra na armadilha de seus conflitos internos que o perturba em seu mais profundo silêncio.

Para Dorian a ideia de um dia morrer nunca havia sido uma opção, viveu sua vida toda baseada em provar todos os prazeres que a vida pôde lhe ofertar, porém, nunca lhe ocorrera a imagem da morte como algo próximo. Depara-se com a sensação de impotência quando nada pode fazer para evitar este final, como ele mesmo afirma “não ter medo da morte, mas sim da aproximação dela” o fez chegar a conclusão do que aconteceria com a sua alma, quando a mesma se encontrava totalmente corrompida e manchada porseus pecados, os quais poderiam ser vistos diante dos seus próprios olhos pelo retrato que Basil criou.

Sem objetivos na vida e cansado de sua vida mundana, Dorian decide mudar e traçar um novo ideal para si que é ser uma pessoa boa, e o primeiro ato que acredita ser bom, na verdade

não passa de mais um de seus caprichos que mascara como uma boa ação. Para sua alma qualquer tipo de salvação tornou-se tarde demais por estar totalmente corrompida pela vaidade. Dorian decide mudar não por querer ser bom ou ter se arrependido de seus pecados, mas sim pelo medo da morte. Como sua alma encontrava-se suja, teme o que possa encontrar do outro lado da vida. Decide mudar, reconhecendo em sua beleza e vaidade as responsáveis por sua decadência, como assim expressa na seguinte citação:

> Depois, amaldiçoando a sua beleza, jogou o espelho ao chão e o reduziu a cacos com o pé. A causa de sua desgraça fora a sua beleza; a beleza e a mocidade que ele almejara conservar perenemente. Sem elas, sua vida seria pura. A beleza fora apenas uma máscara; a mocidade, uma zombaria... (WILDE, 2009, p. 193)

Quando decide ser bom, faz disso seu ideal para vida, como uma espécie de escape para um renascer de uma vida sem sentido. Nosso herói continua problemático, pois não consegue se adaptar a realidade nenhuma. Deveria ser bom? Teria sua alma salvação? Poderia mudar? Dorian começa a ter esperanças e crê ter visto certa mudança em si mesmo. Ao conferir o quadro, porém, nota que nada havia mudado, mas ao contrário, tornara-se mais detestável e repulsivo. E é neste momento em que Dorian revela seu verdadeiro "eu" que durante toda narrativa tentou ocultar:

> Confessar? ... significaria aquilo que ele deveria confessar seu crime, entregar-se à prisão, à morte? Dorian soltou uma gargalhada. Que ideia monstruosa! Ademais, embora confessasse, quem acreditaria nele? [...] nada o purificaria, enquanto ele não revelasse espontaneamente seu crime. [...] não haveria senão vaidade, curiosidade, hipocrisia, em sua renúncia? Dorian convencera-se de que ela era mais do que isso. Mas quem o poderia afirmar? ... Não! Por vaidade, ele pousara a jovem campesina; a hipocrisia pusera-lhe no rosto a máscara da bondade; mera curiosidade sugerira-lhe que experimentasse a renúncia. Percebia-o nesse momento. (WILDE, 2009, p. 194)

Dorian tem oscilações, mas reconhece que sua vaidade era maior que seu desejo de purificar-se, pois o preço a se pagar era grande demais. Porém todos os seus crimes iriam lhe assombrar a vida inteira pelo quadro que continha a única prova do seu segredo e por isso decide destruí-lo, para que pudesse seguir em frente. Mas, ao apunhalar o quadro, apunhala a sim mesmo:

> Dorian Gray correu o olhar em torno. Viu a faca que lhe servira para apunhalar Basil Hallward, cintilante e limpa. Matara o pintor. Mataria o quadro e tudo o que este significava. E ele estaria livre, livre dessa tela monstruosa dotada de

> alma, livre de suas admoestações hediondas. Viveria finalmente em paz. Empunhou, pois, a faca e trespassou o retrato. (Wilde, 2009, p. 195)

É neste momento em que se conclui a narrativa apresentando um final simbólico e trágico de um jovem dono de uma beleza inigualável que viveu e experimentou todas os prazeres da vida, mas que deixou-se tomar pela sede de sua vaidade, que veio a ser a sua própria ruína.

> Ao entrarem na sala, viram na parede o magnífico retrato do Amo como eles o tinham conhecido, em pleno apogeu de sua esplêndida mocidade e beleza. No chão, jazia o cadáver deum homem em traje de rigor, com uma faca cravada no peito. Ele estava lívido, enrugado e repugnante. Só pelos anéis é que seus criados conseguiram identifica-lo. (WILDE, 2009, p. 195)

Portanto, analisamos que Dorian Gray é uma representação fiel de herói moderno por seus pensamentos e ações apresentarem características típicas deste herói. Fugiu totalmente dos padrões idealizados pelos heróis clássicos, chegando até a remeter um anti-herói dos tempos modernos. Foi um herói sem objetivos na vida, problemático, sem ideais, que apresentava grandes conflitos internos contra os padrões da sociedade, dúvidas entre o certo e o errado. Dorian Gray foi um grande amante da vida e de todos os prazeres que a mesma poderia lhe oferecer. Sua queda advém de suas decisões erradas, pois poderia ter se arrependido da vida criminosa que levava, mas não estava disposto a pagar com a perda de sua beleza e de sua juventude. Assim, notamos que este herói não cai por força do destino ou dos deuses, mas por tomar caminhos errados na vida.

## Considerações Finais

Primeiramente foi feito para este artigo uma revisão bibliográfica em teorias sobre o *Herói Moderno* desde o seu surgimento até a modernidade, depois foi analisado a definição do herói moderno e suas características a partir dos estudos das teorias literárias. Que ao final, pode-se chegar à conclusão que o herói moderno, é aquele herói humanizado, típico homem comum da sociedade que possui no dia-a-dia os mesmo conflitos, seja psicológicos, ideológicos ou morais.

Deste modo, o objetivo deste trabalho foi mostrar a trajetória do personagem-protagonista Dorian Gray como um herói moderno dentro da obra de Oscar Wilde, *O retrato de Dorian Gray*, apresentando através deste personagem as características que comprovam que ele pode ser considerado um herói moderno, pois, o mesmo revela ser um herói que possui

conflitos internos, como dúvidas, rebeldia, insegurança, defeitos medos, e falhas que o levam até a sua trágica queda. Diante de toda análise foi possível alcançar o objetivo proposto neste trabalho, quando ao final se comprova que o personagem que fora analisado é realmente um herói moderno, mas que para isso, foi de muita importância analisar as condições que levou este personagem a ser definido deste modo.

Esta obra abre caminhos para outras possíveis análises, como por exemplo a questão dos valores expostos que vão contra a moral da sociedade, por ter sido publicada em um época em que as pessoas prezavam pela a moral e a ética, o livro apresenta pontos totalmente opostos, dos quais os críticos que a definiam como *envenenadora dos costumes*, pode-se fazer uma análise referente a influência que o mesmo causa na sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


BURGESS, Anthony. **A literatura Inglesa**. 2 ª Ed. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 2003.

**Os imortais da literatura Universal**. Vol. III, Abril, 1972.)

KOTHE**,** Flávio R. **O Herói**. 2 ed. Editora Àtica. 1987.

LUCKÁCS, Georg, **A Teoria do Romance**, Tras. José Marcos Marian e Macedo. SP: Duas Cidades, 2000

FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é herói**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1984.